mes barbaros, e até certo ponto absurdos de nacionalidades indias, que nos haviam embaucado vários escriptores; sendo que alguns povos havia, v. gr. os da capitania de S. Vicente, que eram, segundo os autores, como dizemos na pag. 100, appellidados por seis ou sete differentes denominações, como, Guaianás, Temiminós, Tupinambás, Tupininquins, Maracayás, Bugres, etc. —Ora quasi todas estas denominações apparecem tambem dadas a outros Indios em mui differentes paragens da costa e do sertão; pelo que se confirma a insufficiencia de sua adopção para determinar nenhumas idéas.

Entretanto como os antigos escriptores e especialmente o mais original delles todos, Gabriel Soares, antes de profundos estudos ethrographicos e da lingua guarani, aventaram inadvertidamente essas denominações, e ellas foram consagradas pelo uso, principalmente com a tradição, convem que neste logar recapitulemos as denominações que nos transmittiu o mesmo Soares, seguindo em parte a Gandavo.

Comecemos pelo sul. Aos que percorriam o littoral das actuaes provincias do Rio Grande e Santa Catherina tratam por *Carijós*.—Aos do littoral de S. Paulo por *Guaianás*; ficando, segundo os Jesuitas, ao norte deste uns *Temiminós*. Vinham na provincia do Rio de Janeiro os que chamámos *Tamoyos*: em Campos e no Espirito os *Guaitacazes* [1] e *Papanazes*; em Porto Seguro os *Tupiniquins*; nos Ilheos os *Aymorés*; no littoral da Bahia os *Tupinambás*, e nos seus sertões os *Tupinaéns*, *Amoipiras*, *Maracás* e *Ubirajáras*. Havia em Pernambuco os *Caités*, e mais ao norte os *Petiguares* ou *Potiguares*. Por todo o sertão havia a final essa decantada nação *tapuia;* o que mais correctamente se exprime hoje dizendo havia muito *gentio barbaro*, muito *Tapuya* ou *Tapyuya*, que é a orthographia que para a palavra que significa contrario ou inimigo se prefere na Grammatica brazilica, pag. 47.

Nota 50, pag. 113.

Estes eram os estolicas dos Peruanos, mui bem lavradas e que tão bem manejavam os subditos do Inca. Tinham 4 palmos de comprido e tres dedos de largura» en cuyo remate, a la parte de arriba, fijan un diente de guesso, en que hace presa una flecha de nueve palmos con la punta tambien de guesso, o de palo muy fuerte, que labrada en forma de harpon, queda con garrocha, pendiente de aquel a quien hiere, esta cogen en la mano derecha en que tienen la estolica por la parte inferior, e fijandola en el diente superior, la disparan con tan gran fuerza y acierto que a 50 pasos no yerran tiro. Acuña, n. 37, fol. 17.

Nota 51, pag. 119.

Patuá em vez de *Patiguá* se lê no Dicc. brazilico no voc. «Arca».— Tambem nos vocabulos «Atilho» e «Corda» em vez de *pissama* se chama *Xáma* ou *Tupaçáma* á prisão que sustentava na testa a carga collonha.

Nota 52, pag. 129.

Na Revista do Inst. (VIII, 361) se lê de um caso em que o pai havendo castigado o filho, se deixara depois espaucar por este.

Dos Chiriguanás diz (p. 9) o mesmo P. Fernandez:

«Son de genio inconstante, mas de lo que se puede creer, mudables a todo viento, no guardan la palabra que dan; oy parecen hombres, y Christianos, y mañana Apostatas y animales, amigos de todos, aun de los Españoles, quando

[1] Em additamento ao significado que demos na pag. 101, devemos acrescentar, que segundo o Dicc. Braz. pag. 23 «Goatacára» significa caminhador:

les está á cuento para sus intereses; pero por la mas leve causa rompen la amistad».

Dos Indios do Chaco diz o P. Juan Patricio Fernandez (Relacion historial de los Chiquitos, Madrid 1726—4.° p. 426):

«Parece empero esto menos intolerable, á causa de no reconocer ni aun las leyes naturales, que qualquier hombre, por barbaro y salvage que sea, con solo ser hombre, venera, y aprecia. Los hijos, por la mayor parte, no tienen ningun respeto á sus padres; antes tienen sobre ellos dominio, haziendose obedecer de ellos con grande descaro; y si les dá gusto, osan poner en los padres las manos».

Nota 53, pag. 130.

Se omittiu alem dos textos citados em nota o seguinte, que deve ahi entrar: ....«despidos de toda a cortezia e humanidade.... sem conhecimento algum do honesto ou de virtude, sem ideas do justo ou do injusto».—*Villegaignon*, Cart. a Calvino (Rev. do Inst. II, 198).

Nota 54, pag. 137.

Alguns vislumbres de relações maritimas entre o Mundo antigo e a America.

A questão, eminentemente importante para a ethnographia e para a historia do genero humano em geral, acerca da existencia ou não existencia, em seculos mui afastados, de relações entre o continente americano e os povos do chamado Mundo antigo, tem sido geralmente tratada por escriptores, como apostados a sustental-a ou a combatel-a; não a esclarecel-a, contribuindo a isso com alguns factos mais ou menos provados, e aguardando da investigação alheia outros novos, pró ou contra, e cedendo a juizes imparciaes, contemporaneos ou vindouros, a tarefa de sentenciar na causa com toda a consciencia. Assim não se espere que nas ideas que consignemos neste memorial nos constituamos em juizes, ainda quando tal pareça. Nosso principal fim é alentar novos exploradores, indicando alguns seguros caminhos por onde ha que marchar com prudencia para não extraviar-se. Assim deixaremos do lado as confusas noticias das emigrações, nos seculos 7.° e 12.° da nossa era, do bispo S. Brandão desde o Porto, ou de Madoc desde a Irlanda, ou de Erick-Upsi desde a Islandia; pois embora essas emigrações se digam effectuadas todas para o occidente, atravez do Atlantico, e se encontrem de accordo com tradições recolhidas na America do Norte, da chegada em tempos antigos áquellas plagas de um homem vestido de manto vermelho, acompanhado de outros de sotainas negras prégando todos a paz, é certo que, ainda quando ellas deveram ser acreditadas, pouco mais fariam do que reforçar a existencia já provada pela Sociedade dos Antiquarios do Norte da communicação que mantinham os povos septemtrionaes da Europa com os da America. Mas essa communicação era proporcionalmente de recente data, e não se tinha extendido nem ao Mexico, nem ao Perú, civilisados em mui antigas eras, que talvez um dia se cheguem a determinar. Deixando nesta nota de parte a possibilidade de antigas navegações atravez do Pacifico, restrinjamos nossa attenção a alguns factos que vamos consignar acerca do Atlantico.

Evidentemente provado está, em nossos dias, o constante fenomeno das correntes equatoriaes oceanas que, vindo prolongando-se desde o Cabo da Boa Esperança pela costa africana, se precipitam do Golfo de Guiné para a America, levando comsigo não só madeiras e muitos effeitos menores boiantes, como até os navios que perdendo o governo se entregam á mercê das ondas. E' facto que tantas vezes se tem confirmado em nossos tempos [1] que

[1] Humboldt, Ex. Crit. II, 258.

não ha meio de se duvidar delle. Assim assentemos que um barco lançado á mercê das ondas no Cabo da Boa Esperança ou no Banco das Agulhas tem muita probabilidade de ir, boiando com essa corrente que os inglezes chamam *Gulf Stream*, parar ás plagas orientaes da America. Óra constando-nos por outro lado, pela autoridade do célebre escriptor João de Barros [1], que das náos e pangaios arabes, que desde antigos tempos iam do Mar Vermelho até á costa de Zanguebar, alguns se haviam perdido, esgarrados com o tempo para á quem do dito Cabo da Boa Esperança, pouco razoavel seria acreditar que todos n'esse tempo se houvessem submergido, e que nenhum chegasse, com alguem da tripolação ao menos, aonde chegariam em nossos dias, em casos identicos, se no Atlantico, tão cruzado de navios, não encontrassem antes quem os soccorresse.

Por outro lado. E' sabido que os Tyrios navegavam o Atlantico, e iam ao Baltico buscar o ambar. Entre tantas navegações que faziam, embora se nos diga que procuravam não perder a terra de vista, não seria alguma vez este ou aquelle barco levado sem governo pelo temporal até o *Gulf Stream*? E uma vez entregue ao influxo deste, poder-se ia escapar de ser arrojado á America? E o que dizemos dos Tyrios para o Baltico, diremos com muita maior razão dos maritimos d'Africa, e talvez tambem de Tyro, que navegavam para as Canarias, ilhas que eram conhecidas pelos antigos Egypcios.

Logo nada mais natural do que a chegada de algum navio do chamado Mundo velho, pelo Atlantico, á America; ainda suppondo que não voltasse, como alias tão variados textos de autores antigos podem fazer conjecturar. O argumento de que uma vez estabelecida a navegação não se houvera interrompido jamais, não colhe; pois que sendo natural que os navios não fossem então numerosos como em nossos dias, a simples duração de algumas guerras na metropole, nação maritima, durante uma ou duas gerações, ou a occupação dos portos dos colonisadores, por qualquer povo invasor barbaro do Oriente, desses que n'outros tempos apareciam com frequencia, e contemporaneamente na America a invasão da colonia por novas hordas do norte, bastariam para interromper taes relações. E o que mais nos explica a *possibilidade* de isso acontecer com a America, é o ter-se *realisado*, n'outra paragem.—A navegação das Canarias que em antigas eras tivera logar, chegou a interromper-se: foi desconhecida dos Gregos e dos Romanos, e—as antigas ilhas Afortunadas,—as Canarias,=*descobriram-se* para a Europa no seculo 15. Sem o escripto egypcio que as deu a conhecer aos geographos gregos, estes não as houveram mencionado. E quem nos diz que escriptos se perderiam que tratassem da *Atlantida* que depois talvez só pela tradição passou á noticia dos Gregos? Outro exemplo de navegações interrompidas nos deu o norte da Europa na idade media.—Tambem a Scandinavia navegára para a Groenlandia; e depois cessára de navegar, e perdêra dessa navegação não somente o habito, como tambem quasi a memoria.

E não só das Canarias havia noticia nos livros de Ptolomeu, como d'outras ilhas do Atlantico prova Humboldt que havia noticia antes que os maritimos de Sagres, sob influxo do infante D. Henrique, acreditassem tel-as descoberto [2]. E sem embargo, a navegação para ellas tivera logar e se abandonára.

Assim podemos sem escrupulo assentar: 1.° Que da falta de relações maritimas da Europa, ou antes da Africa, com a America, em epocas histo-

[1] Barros, Dec. da Asia I, 8, 4.

[2] Sem ir mais longe: para nós, que acreditamos na viagem dos Almagruris em 1147, não a podemos explicar de outro modo senão admittindo que foi uma das tres ilhas do archipelago da Madeira a que chamaram de «Ganá» ou das «Cabras», e que n'ene logar vem marcada nos mappas do seculo 14 com o nome de «Capraria». A outra ilha habitada de «gente vermelha» a que chegaram dahi a 12 dias éra evidentemente uma das Canarias.

ricas, ou para melhor dizer consignadas evidentemente pela historia, não se pode argumentar para deduzir que as relações de ida e vinda não existiram: 2.° Que em vista dos phenomenos naturaes que ainda em nossos dias presenciamos, se pode pelo menos afoutamente afirmar que dos navios da civilisação antiga do velho continente, esgarrados e envolvidos pelo *Gulf Stream*, algum chegaria com gente ás plagas americanas.

Assentados estes factos, e bem ponderada a muita analogia que na idade moderna encontraram os primeiros exploradores maritimos entre os habitos e costumes dos Guanches das Canarias e os de alguns Indios d'America, se nos apresenta um novo fio d'Ariadna a guiar-nos neste labyrintho por em quanto ideal de antigas navegações atravez do Atlantico, perdidas quiçá todas a um tempo;—quando as das Canarias se perderam; quer por haverem sido as metropoles victimas de alguma invasão de barbaros,—quer por terem ellas inhibido essa navegação como prejudicial, o que segundo nos revelam informações historicas succedeu entre os Carthaginezes, cuja transmigração para terras louginquas chegou a ser tanta que o senado a prohibiu de todo.

Os principaes caracteristicos que nas Canarias nos podem indicar a epocha das relações dessas ilhas com os navegadores do Mediterraneo são 1.° A falta completa do ferro, e o uso de machados e mais instrumentos de pedra, analogos aos que ainda na Europa se encontram nas excavações de epochas anti-historicas; 2.° O desconhecimento do uso de moedas cunhadas para o trato reciproco; 3.° O pintarem-se e riscarem-se os habitantes o corpo de vermelho e outras cores; 4.° O caracter pesado e severo das construcções principalmente circulares, e de enormes cantos, todas anteriores ao conhecimento e uso do arco architectonico.

Ora estes caracteristicos, nomeadamente os dois primeiros, induzem-nos a suppor que essas ilhas foram frequentadas, e por ventura colonisadas, em tempos mui anteriores aos que consideramos historicos. E isto vai de accordo com o haver Champollion encontrado na lingua dos Guanches muitas palavras das linguas do antigo Egypto; e com a circunstancia de que as mumias se embalsamavam como das deste paiz contava Herodoto; sendo que os craneos das que se encontram nas Canarias se parecem ás das egypcias.

Por outro lado: todos esses caracteristicos eram identicos na America, maximè no Mexico e no Perú. E não só esses, que consideramos em separado por attenção á chronologia, o eram, entre os Guanches e os Aztecas e Peruanos, como os seguintes: 1.° O uso da numeração decimal; 2.° Os cantares monotonos e tristes, e as danças em circulo em uma fila; 3.° As festas *guatativas* ou bachanaes; 4.° As ideas de fatalismo e desprezo da morte; a resignação e impassibilidade aparente no soffrimento, e o valor para se mutilarem a si proprios; 5.° As industrias nas esteiras, redes, cestos e anzoes de espinhas e de osso; 6.° O uso de fisgar o peixe com dardos, e o das *ostreiras* ou montões de ostras e cascas dos mariscos que deixavam nas praias nas epochas do anno em que os apanhavam; 7.° O uso da farinha feita da raiz do feto canario (Pteris aquilina), cuja idéa não deixa de ter analogia com a da yuca ou mandioca; 8.° O uso de dar gritos e urros, como os antigos, nos ataques, sempre intentados por surpreza e em ciladas; 9.° O das mumias, como no Perú, postadas de cócaras. Ainda em nossos dias sabemos que em Tenerife encontrou uma o distincto Berthelot, a cujo trabalho publicado no primeiro tomo das memorias da sociedade ethnographica de Paris devemos o conhecimento das noticias acerca destas ilhas do Atlantico, que tanta luz nos dão em nossas conjecturas de que os povos que n'outras eras navegavam até ás Canarias não deixariam de chegar tambem a algumas paragens de America, por acaso, senão de intento. Nem deve fazer duvida que não se conservassem identicos todos os demais usos, depois de tantos seculos, como imaginamos, de falta de communicação; conservando-se as Canarias ilhadas, e seguindo as regiões da America a soffrer naturalmente invasões de Barbaros vindos do norte. Os Guanches entregues aos proprios

recursos consideravam as cabras seu principal meio de sustento e de vestuario, e fizeram-se pastores de cabras: os da America, com terras ferteis e de bosques, se fizeram mais agricultores e caçadores.

Assim já se vê qne a admittirmos a possibilidade de relações interrompidas, entre os navegadores do Mediterraneo e os povos antigos d'America, forçoso seria conceder que só poderiam ter logar antes que aquelles navegadores houvessem admittido o uso da moeda cunhada, ou que conhecessem o alphabeto; e tambem antes que usassem do ferro; metal cujo invento ou introducção foi attribuido a um Vulcano, que a mythologia depois canonisou, digamos assim; e perdoe-se-nos a irreverencia da metafora, alias apropriada. O ferro era ainda rarissimo no tempo de Homero. No escudo d'Achilles apenas a pregadura era de aço; e em tempos mais recentes, entre os Romanos, era *ferrum* unicamente a folha da espada. Os artefactos da antiga architectura do Nilo,—as Pyramides do Egypto, foram naturalmente trabalhadas com instrumentos de cobre ou de bronze da mesma forma que os do Perú, proximo das ruinas dos quaes alguns se tem encontrado; e sabido é quanta semelhança existe entre essas moles egypcias, e as talvez contemporaneas da America. E se as suppomos contemporaneas, desde já emittiremos que as relações maritimas, que poderiam acaso haver existido, remontariam a mais de quarenta seculos,—a uma epocha anterior á destruição do imperio egypcio pelas Hycsos. Quando pensamos que hoje conhecemos, pelo estudo e interpretação judiciosa de certos monumentos do Nilo, tantos factos que ignoraram até os Gregos e os Romanos, quem nos diz que não virá dia em que algum novo Champollion, ou algum futuro Instituto, interpretando os monumentos desses pequenos *Egyptos* americanos, que existem no Perú, em Cudinamarca e em Aztlan, consigam acaso verificar estas nossas aprehenções, cada dia mais vehementes.—As tradições confusas e os hyerogliphos dos Aztecas não alcançavam se quer a historia de mil annos, e as pyramides de Cholula, Popatlan, Xochicalco e de Teotipuacan devem ser de mui anterior data. Perseveremos pois no exame, embora com alguma prevenção... Quem sabe se nas cordilheiras pouco exploradas de nossos sertões, ou debaixo dessa frondosa vegetação dos nossos mattos virgens não jazem ainda monumentos como os do Perú?

Não façamos agora argumentos com o uso dos americanos civilisados de hieroglyphos, nem com o conhecimento de um kalendario analogo ao dos antigos Egypcios, primeiros astronomos e mathematicos da terra; nem com a mesma idea da Ursa para designar o *Sete-estrellas*. A analogia dos principios legislativos que ligavam os parentes, e que obrigavam a um joven a casar com a mulher do irmão fallecido; o saudar tocando com as mãos a terra e beijando-as; os funeraes e os sacrificios, os trages, a mitra semelhante ás das autoridades judaicas, e o culto do sol exercido pelas virgens das familias mais distinctas; a segure de pedra ou de folha de metal que os chefes tinham por sceptro, de forma inteiramente analoga á da antiguidade europea;—os tapa-orelhas elipticos de folhas delgadas de ouro, semelhantes aos das mulheres frisonas, que segundo alguns os adoptaram dos navegadores phenicios, e que se veem representados em estatuas de Ninive; e a final os ornatos tambem de folhas delgadas de ouro lavradas, (e que vistas em um gabinete ethnographico ao lado das que se encontram nas mais antigas excavações dos Etruscos e do Egypto são tão analogas em tudo, que até nas *guacas* ou sepulturas se tem encontrado algumas com lavores representando elephantes, animaes que a America desconhecia) são factos que nos levam ao fundo d'alma a convicção de um modo que só a poder de muita prudencia nos contemos receiosos de podermos ser extraviados pela imaginação.

Quanto aos argumentos da falta entre os Americanos do uso do leite por alimento, diremos que tambem a Europa o desconheceu até que o recebeu da Asia, talvez depois do ferro, da mesma forma que o alumiar com azeite ou com cera. A falta dos cavallos e do gado vacum, não pode servir de

argumento, quando em nossos tempos são ainda de tão difficil transporte por mar. Demais tão pouco os havia nas Canarias o ninguem duvida de que os antigos conheceram estas ilhas.

Os reinos do Congo e outros d'Africa ainda hoje quasi que não tem cavallos.

Todas estas conjecturas tomam grande fôrça quando reflectimos bem nas palavras que nas primeiras vistas Montezuma ou Muteczuma dirigiu a Cortez, e que aqui transcreveremos fielmente, sem as arbitrarias observações dos commentadores, e taes como o mesmo Cortez por essa occasião as transmittiu ao proprio Imperador Carlos V (em uma carta de 30 de Outubro de 1520). Eis como, segundo Cortez, se exprimiu Montezuma:

«Muchos dias há que por nuestras escrituras tenemos de nuestros antepasados noticia que yo ni todos los que en esta tierra habitamos no somos naturales della, sino extranjeros y venidos á ella de partes muy extrañas; é tenemos asimismo que á estas partee trajo nuestra generacion un señor, cuyos vassallos todos eran, el cual se volvió á su naturaleza, y despues tornó á venir dende en mucho tiempo, y tanto que ya estavan casados los que habian quedado con las mujeres naturales de la tierra, y tenian mucha generacion y fechos pueblos donde vivian, é queriéndolos llevar consigo, no quisieron ir, ni menos recibirle por señor: y así, se volvió. E siempre hemos tenido que de los que dél descendiesen habian de venir á sojuzgar esta tierra y á nosotros, como á sus vasallos. E segun de la parte que vos decis que venis, que es á do sale el sol, y las cosas que decis deste gran señor ó rey que acá os envió, creemos y tenemos por cierto el ser nuestro señor natural; en especial que nos decis que él ha muchos dias que tiene noticia de nosotros.

Nota 55, pag. 141.

Julgamos que o leitor se alegrará de que lhe demos aqui a inscripção, que copiámos em Santos, da campa da sepultura de Bras Cubas:

S.ª de Bras Cvbas
Cavlr.º fidalgo da
Caza de sua Mg. Fũ-
dou efes esta vila
sendo capitão e
caza da Mia. [1] o ano
de 1543. descobrio ov
ro e metais o ano de
60 fes fortaleza
por mãdado del
rei dõ joã 3.º faleceo
no ano de 1592. As.

Nota 56, pag. 150.

Hans Staden trata de Duarte Coelho, na sua relação allemã publicada em Marburgo em 1558, chamando-lhe *Artokoelio*: so conhecendo á priori o nome fora possivel acertar com a sua significação. Staden escreveu o nome segundo talvez elle o diria, barbaramente estropiado. Outro tanto fariam na antiguidade os Romanos com os nomes dos heroes e terras dos Barbaros; muitos desses nomes serão pronunciados ainda hoje, nos respectivos paizes, mais correctamente do que correm nos livros latinos, a que damos tanta autoridade.

De Igaraçú é que cremos se escrevia a elrei a seguinte importante carta:

Senõr. Depois que de V. A. me parti e embarquey para esta terra de santa crus de que he capitaõ e governador Duarte coelho. pus no caminho mujtos dias por causa dos tempos que me forão adversos e fortes ou por a vontade do Senõr ds. ser asy finalmente cheguey a esta terra honde fico para servir. V. A. e

[1] Misericordia.

quando aqui vim ter derão me novas de sete naos francesas que pasarão pera os pitigoares honde lhe eu Snõr dixe que se podia fazer offensa aos franceses e depois passarão outras muitas e com húa dellas encontrou hum meu bargãtim que hia ao Resgate e saiolhe húa zavra que hia com ella e foi ho seguindo tanto que ho alcançou e andarão ás bõbardadas e espingardadas e frechadas de maneira que quizerão abalrroar com elle mais os frecheiros com a mais gente não nos consentirão e matarão lhe ho mestre e ferirão algua gemte da que hia nelle e dos franceses morrerão cinquo ou seis e outros muitos forão feridos por causa dos frecheiros que os tratarão mal e asy se alargarão delles no que todo se fez muito servico a V. A. E muito mais se faria se favorecese estas terras com algua gente e Justiças de que tem muita falta e posto que nesta capitania ha muita gente e está bem fortalecida e segura destes gentios estaria muito mais segura se V. A. tevese aqui Justiças suas porque as terras novas como estas não se povoão e sostentão senão com muita benenidade e Justiça cada hú a seu tempo esto diguo por que sou criado de V. A. e obrigado alho fazer saber. Senõr a Igreja desta minha fazenda de que lhe dei conta e pedi me fizesse merce do abito com algua tença pera com tudo ho servir porque eses sáo meus desejos beijarey as maos de V. A. cõcedermo e hum pero de mesquita filho de bastião a.º que foi voso orives e afinador da moeda de lix.ª terá carrego de lho alembrar e requerer e V. A. me faça merce confirmar nelle a Reitoria desta igreja por qne elle he pessoa para iso. Sõr. eu quizera aquerir hos dizemos desta Igreja para os gastar nella e em cosas necesarias para ho culto divino e ornamentos pois sou fundador della e afiz á minhas custas proprias e atenho feita a milhor que há nestas terras como V. A. poderá saber e asy folgaria que tivese toda llas cousas e ornamentos boõs e tivese sempre nella hum padre que he o brigado adizer misa e confessar a gente desta minha povação e isto todo pago á minha custa por que não se sofre húa povoação tá grande como esta estar sem igreja e clerigo que os confese e lhes diga missa porque tem bem duzentas almas e ha mister dous clerigos para poderem acudir a tudo e tamben para se poderem Reconceliar hum com outro porque daqui á villa de duarte coelho ha cinquo leguoas e tudo por antre gemtios e correm hos homés risco em hir la e hum padre tem necesidade de outro para se reconceliar e para o ajudar por que náo pode sempre estar disposto para poder celebrar e confesar agemte desta povoação asy que tinha bem necesidade de dous padres beijarei as máos de V. A. escrever a Duarte coelho que náo me impida que os dizimos se aquiraã para esta ygreja para se prover das couzas necessarias pera oculto devino aque V. A. he tã inclinado; asi que em tudo proveja como for mais serviço de Ds. e acrecentamento de seu Real estado e eu receba merce por tanto trabalho como tenho recebido em fazer e sustentar esta fazenda contanto gasto e risquo para com ella servir V. A. cujas mãos beijo hoje dia 3 de mayo de 548. Criado de V. A. Afonso Gonçalez. (Corp. Chr. I, 80, 102.)

Nota 57, pag. 153.

Já fica dito na nota 11, o que pensamos ácerca do verdadeiro porto onde esteve Cabral; isto é que tal porto foi a concha onde desemboca o ribeiro Monduahy, que fica logo ao norte do rio de Porto Seguro.—Quanto á tradição que consignamos no texto de que Porto Seguro se assentou no proprio monte onde Cabral deixara plantada a Cruz declaramos que podia ser tal a crença de Pero do Campo; e dos que se lhe seguiram. Pela nossa parte encontramos repugnancia em justifical-a.

A descripção que, da abra onde fundeou a armada de Cabral, nos deixou Caminha é em tudo conforme com a de Porto Seguro; e sabemos que desde o Monte Paschoal, ou foz do Rio do Frade para o Norte, a armada só correu em busca de um bom surgidouro, indo mui junto á costa um dos pilotos. Alem do que não era natural que sem a certeza de encontrar outro melhor desprezassen o primeiro que se lhes deparou.

Nota 58, pag. 155.

Pouco antes da chegada da colonia de Figueiredo ao morro de S. Paulo naufragára ahi perto, na ilha de Boipeba, em Agosto de 1535, a náo S. Pedro, capitana das duas com que saira de S. Lucar o infeliz chefe que foi assassi-

nado pelos seus. A este anno, e não ao de 1537, se deve referir o facto de que se faz menção no fim da pag. 165. Veja-se a fé de erratas.

Nota 59, pag. 161.

Barros propunha-se a escrever uma grande obra sobre as conquistas portuguezas, em quatro partes, analoga á que depois realisou nas primeiras tres Faria e Souza, que em hespanhol fez populares os feitos dos seus patricios na Europa, Africa e Asia portugueza. Temos hoje por assentado que Barros começou pela Asia; e na redacção da Asia se achava quando falleceu; de modo que nada deixou concluido sobre a 1.ª e 2.ª, nem sobre a 4.ª ou =Santa Cruz=segundo deduzimos das proprias expressões [1] com que nos transmitte seus projectos.

Nota 60, pag. 162.

Relacion de lo que dice Francisco de Guzman que vino en la caravela nombrada la Concebicion de que es Maestre Pero Sanchez vecino de Cadiz el qual es uno de los que fueron con el adelantado Orillana.

Dice que Orillana partio á onze de Mayo de San Lucar de Barrameda, partió con quatro navíos redondos en que sacó quatrocientos hombres de guerra, fué áportar á Tenerife donde estuvo tres meses, de alli fué con la misma armada á cabo verde donde estuvo dos meses, i por causa de ser la tierra enferma se le morieron alli 98 personas i se le quedarian hasta 50 que no estavan para seguir la jornada, de los quatro navios que llebava fue menester hechar el uno al traves para guarnecer los otros de cables y anclas porque en el dicho puerto havia perdido onze anclas al tiempo que de allí salio: salio del dicho puerto con tres navios en que en cada uno llebava desde setenta i siete hasta cient presonas tomando su derrota para la costa del Brasil le fueron los tiempos mui contrarios, i pereciera toda la gente sino fuera por aguaseros de donde se proveyo de algun agua, i con esta nescesidad el uno arribo deciendo que no tenia agua, el qual navio llebava 77 personas gente sana i onze cavallos i un vergantin, del qual dicho navio hasta oy no se sabe. Los dos navios que quedamos con viento norte, nos tornamos á encabalgar todo lo que haviamos decaido con los tiempos contrarios, fuimos á reconoscer los bajos de S. Roque i tomando la costa en la mano pasamos por cerca á vista de maranon i hasta cient leguas bajo la costa. en medio grado, doze leguas en la mar topamos agua dulce donde Orillana dixo ser aquel el rio donde el havia salido. Otro dia siguiente dia de Santa Maria de la O hallegamos dentro del rio en dos islas que alli hallamos pobladas donde se nos dió por nuestro rescate toda comida de maiz i casabi i pescado i frutas de la tierra; alli algunas personas diximos al dicho Orillana por quanto traia la gente mui fatigada de los trabajos que havian pasados i asimismo por traer onze cavallos mui fatígados por no haver bebido mas de dos asumbres de agua cada dia, i pues aquella tierra era para rehacer á su gente i cavallos, i porque era bien que un vergantin que alli traia se armase para conoscer el brazo principal donde havian de subir con las naos, i á esto nos respondio que el sabia ser la tierra mui poblada i haver mucho aparejo para hacer lo sobredicho, i asi subimos con las dos naos hasta cient leguas el rio arriba donde topamos quatro ó cinco buhios de Indios donde paramos hacer un vergantin i dimos en tierra que havia poca comida, de lo qual se nos murieron alli 57 presonas, é estuvimos alli en hacer el vergantin tres meses, salimos de alli con el vergantin i una nao que la otra se desizo para la clavason i tablason del vergantin: esta navegacion que hicimos fué al Sur, i para buscar el braso principal fue menester navegar al sueste, i acabo de haver andado 20 leguas estando surtos, la gran creciente de la marea nos hizo rebentar un cable que teniamos por donde de la nao no nos podimos aprovechar, sino fue de la clavason para hacer una barca porque dimos al trabes con ella, i ansi nos fuimos á un buhio de Indios donde de tablas de cajas hicimos una barça en que seguir nuestro viaje; estu-

[1] Rev. do Inst. Tom. 13, pag. 396.